

Paródias: a epopéia mandinga.\*

Lelita Benoit

Imagens. Imagens. Fugidias, indomadas. Minhas imagens. Minhas? Djeli Mamadu Kuyatê. As imagens se diluem, os nomes são lentos, lentamente ocupam o lugar das imagens. Maghan Sundjata, Mari-Djata, Sundjata, o homem de múltiplos nomes, o sucessor de Djulu Kara Naini. Nota para o nome Djulu Kara Naini, o autor escreve: "Trata-se de Alexandre, o Grande, que o Islã chama de Dul Kar Nain. É freqüente surgir, entre todos os tradicionalistas dos países malinkês, essa comparação entre Alexandre e Sundjata. Opõe-se o itinerário oeste-leste do primeiro, ao itinerário leste-oeste do segundo". Que rosto dou a Sundjata "que ultrapassou" Alexandre? Os nomes lentos, Sundjata, Djulu, Djeli, ainda conseguem afastar imagens. Djeli Mamadu Kuyatê, me informa o 19 capítulo, é um "griot", remanescente dos antigos "griots" de Mandinga. Poetas, músicos ardentes, eles guardavam e guardam ainda a palavra dos povos negros. Passado, glórias e tragédias. Djeli, sem ser o primeiro, que foi Balla Fassekê, conta (e não escreve), os feitos de Sundjata, que "ultrapassou"

---

Lelita Benoit é aluna de pós-graduação em Filosofia Moderna na F.F.L.C.H. da USP.

Alexandre. Djeli poeta e músico, conta a epopéia de Mandinga, que resultou no grande império de Sundjata. Os nomes se decifram, lentos. Para Djeli não encontro uma imagem; rosto que, em minhas imagens, se esconderia na impenetrável origem do povo negro. Para mim, Djeli é um nome lento que se ilumina no conceito, um conceito que encontro no manual que ensina: EPOPÉIA, forma poética de glorificar um povo, forma que conhecemos desde os gregos e Homero. Oral, primeiro, depois tornada palavra escrita. Volto às palavras do romance africano, afastado, enfastiada, a referência ao manual. Niane, o autor que se esconde por trás da narrativa do "griot" Djeli, quer ser apenas aquele que fez da palavra poética de Djeli, a palavra escrita deste livro. Mas, irresistidas, novas imagens e conceitos, a cada nome lento, africano. Sundjata procura um rosto em Alexandre, a história de Mandinga procura um paralelo nas glórias daquele que helenizou o mundo, Djeli procura um modelo em Homero. Quantas páginas já li? Confiro: dois capítulos, quatro páginas. Irresistíveis as imagens e conceitos da minha cultura ocidental. O manual ensina a forma poética, a métrica, a rima, apenas, e sobre esta superficial noção se reprega a epopéia de Sundjata esta minha noção. Os filmes fixam os rostos gregos arcaicos sobre rostos maquilados de homens que são também rostos para os mocinhos dos "bang-bangs" do Velho Oeste, e nesta sobreposição de máscaras Sundjata é mais e apenas uma máscara? Irresistíveis imagens e conceitos desta nem muito minha "cultura ocidental", em apenas quatro páginas,

confirmando, e traçam imagens e conceitos que aprisionam a epopéia de Mandinga é seu Rei Sundjata. Imagens e conceitos irresistíveis que não quero e nem posso afastar, apesar dos nomes lentos, africanos, que ensinam que outras coisas, outros dizeres, talvez possam estar escondidos sob as palavras que cantam a gloriosa origem do povo negro. Mas essas coisas e dizeres parecem fugidias e se escondem sob palavras que sugerem imagens e conceitos que parodiam dizeres e coisas que não são do povo negro. Irresistida, assim mesmo, continuo a leitura e o autor Niane me ajuda, com notas ao pé da página que explicam os nomes lentos e mapeiam os lugares obscuros. Mas mesmo sem estas notas, continuaria sem me perder e as palavras lentas, a geografia desconhecida, as genealogias e os rituais de Mandinga vão se ordenando sempre em imagens e conceitos que me formam e deformam, sempre em rostos de celulóide de Alexandre, sempre nas palavras reeditadas

Leio ainda o romance, leio mais páginas, muitas, e às vezes, talvez muitas vezes, coisas e dizeres concretos do povo negro são narradas nas palavras poéticas deste livro. Mas não quero, não posso abandonar a malícia das comparações. E então, coisas e dizeres do povo de Mandinga e de seu grande rei Sundjata, que unificou e fez justiça a todas as etnias negras, estas coisas e dizeres concretos então me fogem, são apenas objetos exóticos, belas frases, feitos pequenos, gló

rias ridículas (e a leitura um passatempo) apenas.

Literatura africana, analiso. Ou coisas e dizeres concretos. Ou classificação geográfica, lingüística, étnica. Ou apenas um espelho para refletir a vaidosa superioridade de quem pode se lembrar de Alexandre e da epopéia Ocidental? Vamos dizer que o texto resista às minhas classificações hipotéticas. Vamos dizer que ele se sustente com suas próprias forças contra minhas imagens e conceitos. Mas ele não resiste, não se sustenta, se entrega, me ensina que Sundjata é, na própria história dos povos malinkês, aquele que desejava estava predestinado, e conseguiu!, ultrapassar o Grande Alexandre. E estes feitos, e é a própria maneira de narrar que confirma, formam a epopéia destes povos. Jogo de semelhanças, impossível marcar a diferença, não há um outro que se esconde. As palavras do poeta, na forma e no conteúdo, podem ser iguais, se comparam ao modelo, e reavivam minhas comparações, meus manuais, os filmes, meu riso irônico, que escondo, até envergonhada. O que é literatura?

O que é literatura? Classificação, texto autônomo, ou minha relação viva com palavras que dizem dizeres e coisas concretas? Os surrealistas deixaram que as palavras dissessem e foi porque elas não diziam mais que procuraram no México o país dos dizeres concretos para que as palavras dissessem novamente? Literatura africana só pode ser classificação que imponho ao texto, exigência que coloco às palavras de Djeli para tentar encon

trar sob suas palavras, dizeres e coisas concretas. Colonizadora é minha relação com Sundjata ou A epopéia de Mandinga, e o texto colonizado não resiste, confirma. Sundjata, o texto, é a história do rei negro que já é mulçumano de um só deus, ocidental na consciência, na guerra imperialista, no poder que se manifesta como força de dominação. Sundjata já é depois de Alexandre e o texto de Sundjata já é comparável, já se compara, não é nada se não se compara, já não tem como tirar forças de si mesmo, recorre, como pedindo luz, às imagens e conceitos ocidentais, brancas, civilizadas. E confirma e repete, para a minha vontade de analisar, que estas imagens e conceitos (já mil vezes reproduzidas, recopiadas, esvaziadas por meus manuais e filmes) invadem o espaço dos dizeres e coisas concretas do povo malinkês.

Círculo sobre círculos. Palavras e palavras, e mais uma vez a literatura é um labirinto, e cada livro, e também este livro, é um livro ao lado de outro livro. E cada vez, e uma vez mais, a cópia é mais apagada, o modelo infinitamente mais distante, e a leitura, mais e mais, uma angustiada inquietação que percorre as palavras desejando afastá-las, desejando encontrar por trás delas dizeres e coisas concretas que não sejam apenas os nomes de difícil leitura (os nomes lentos), as genealogias misteriosas (o totem-ancestral da mãe era o búfalo e do pai o leão, Sundjata tinha aos dezoito anos a força do búfalo e a majestade do leão).

Sem mistérios, sou este leitor inquietado e sei ironizar a minha angústia de ter imagens e conceitos de filmes e manuais. Porque também sou leitor da teoria que explica esta minha relação com o texto. Sou o leitor explicado por Benjamin, por Foucault, sou o leitor ficcionado pelo "nouveau-roman" e poetizado por Mallarmé e anarquizado por Baudelaire. Sou o leitor formado e deformado por esta tradição, como Sundjata, este texto escrito por um intelectual africano que também é historiador e escreve em francês, é um texto formado e deformado pela mesma tradição de imagens e conceitos que são cópias distantes de dizeres e coisas concretas. E nisto somos iguais, leitor e texto, somos cópias que ufanam originalidade e nossa relação só pode acontecer por um engano mútuo. Eu procuro nele, no texto, um outro, e ele se mostra, para mim, como diferente. Tão absolutamente semelhantes, tão absolutamente cópias do mesmo modelo. Pequenos enganos?

---

Nota:

\*SUNDJATA ou A Epopéia Mandinga de Djibril Tansir Niane. Coleção de Autores Africanos, edição Ática, 1982. O título original deste romance seria "Soundjata ou L'Épopée Mandingue", portanto, já originalmente escrito em uma língua que necessariamente é a tradução do relato do "griot".